



EDITORIAL

O naufrágio, tela de William Turner (1808) já demonstrara como a temática do “agora” seria retratada. O conflituoso mar, a água, o céu e a atmosfera, em geral se afastam de todo o realismo natural e se transforma no reflexo anímico da situação. As pinceladas soltas e difusas dão forma a um torvelinho de nuvens e ondas, a uma desesperança interior que se transmite à natureza, uma das características básicas do romantismo. Nas telas de William Turner a luz é um capítulo a parte: é fugidia. Os arabescos contornam o campo figurativo da imagem e de forma efêmera envolve o campo real representado. Tais alusões são claras marcas do modernismo e suas mudanças de referências e movimentos: o “agora” se transfigura no “agora mesmo”, “nesse instante”.





A luz nas telas de William Tunner é rápida como a luz elétrica e nas pinceladas e torvelinhos de tintas emergem as grandes teias que envolvem a modernidade. O naufrágio é uma alegoria de um determinado mundo que afunda, mas as águas revoltas do mar fazem emergir outros oceanos e personagens. No mar da modernidade a palavra racionalização foi iluminada como maravilhosa, principalmente no se refere ao espírito crítico e científico, porém terrível quando designa o Taylorismo submetido ao cientificismo

Parece que proposta inicial da modernidade era tirar o homem da escuridão, do imobilismo, porém o colocou numa luz ofuscante, num barulho ensurdecador, colocou o homem perdido no mar revolto da atualidade. O dossiê temático **Crítica e Modernidade** da edição XII da Revista Travessias trás abordagens sobre esses campos, nas artes e comunicação, na literatura, na educação e na linguagem. Essa edição, ciberespaço-senda- caminho-teia de Travessias revista e de muitas outras travessias que se expressam querendo ser alento para nossas inquietações intelectuais.

Os editores.